

MEMÓRIAS DE UMA CASA VELHA: O SOLAR GRANDJEAN DE MONTIGNY, SUA ORIGEM E MEMÓRIA NA UNIVERSIDADE

Aluna: Danielle Larrate de Andrade

Orientadores: Marco Antonio Pamplona, Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Clóvis Gorgônio

1.0- Introdução

“Coloquei meu coração e minha alma em meu trabalho e perdi minha cabeça no processo.”
(Vincent Van Gogh)

O ano era 2018. Comecei um curso voltado para os alunos do ensino médio com a temática “Introdução à história do Rio de Janeiro”, na PUC-Rio, com o Prof. Rômulo Mattos, professor do quadro complementar do Departamento de História da mesma Universidade. Em uma das atividades do curso, fomos para o Centro do Rio de Janeiro redescobrir a história que frequentemente pisoteamos e não nos damos conta. Ao chegarmos à frente da Casa França-Brasil, o professor Rômulo explicou que ela havia sido construída por um arquiteto chamado Grandjean de Montigny, que chegou ao Brasil em 1816 com a Missão Artística Francesa. Disse também que na PUC-Rio havia um Solar construído por ele para ser sua moradia. Para mim, foi mais do que o suficiente. Desenvolvi uma vontade de saber mais sobre aquela antiga moradia que, até hoje, impressiona pela sua monumentalidade. As perguntas eram inúmeras: como a casa do arquiteto francês foi parar no *campus* da PUC-Rio? Por que pouco se comenta, na PUC-Rio, sobre o Solar, se ele representa uma das poucas construções de Grandjean de Montigny que ainda sobrevivem nos dias atuais? Por que ele construiu a sua casa em uma freguesia rural na época, se todas as pessoas tidas como importantes concentravam suas residências no centro da cidade? A questão é que, até hoje, não encontrei e também não sei se irei encontrar respostas para todas essas perguntas. Todavia, garanto que elas e o impacto que o Solar me causou é que me fizeram estar aqui nessa pesquisa redescobrimo as memórias de uma *casa velha*, para relembrar o título de um romance de Machado de Assis.

Durante o processo seletivo para integrar a equipe de bolsistas de Iniciação Científica do Núcleo de Memória da PUC-Rio, realizado em 2021, fui indagada durante a entrevista com a Profa. Margarida de Souza Neves, o Prof. Marco Antonio Pamplona e a coordenadora de pesquisa do Núcleo, Silvia Ilg, sobre qual seria meu tema de pesquisa se fosse admitida como estagiária do Núcleo de Memória. A resposta, é claro, foi muito simples: o Solar Grandjean de Montigny. Uma vez fazendo parte do Núcleo, de início, aventurei-me por toda a história do Solar – do século XIX ao XXI – sendo inconscientemente guiada pela frase de Alice no País das Maravilhas, que diz que para quem não sabe aonde quer chegar, qualquer caminho serve. Foi quando percebi que poderia unir a pesquisa sobre o Solar a um outro interesse que cultivo dentro da área da História: o século XIX. Um século, para mim e para a minha pesquisa, marcado por muitas chegadas – a chegada da Família Real em 1808, a chegada da Missão Artística Francesa, de Grandjean e, com eles, a institucionalização do estilo neoclássico como símbolo de um projeto oficial de civilização que se pretendia implantar –, marcado por muitos inícios – o início do sonho da construção de um império tropical, o início da (re)construção do Solar, o início de uma tentativa de modernização à moda europeia no Rio de Janeiro – e marcado também por encerramentos – o encerramento do período colonial, o encerramento do Primeiro Reinado e a tentativa de encerramento da posse de Grandjean sobre o Solar através de uma rifa idealizada por ele e inquestionavelmente malsucedida. É no período de 1808-1831 que tudo que eu abordo neste trabalho se inicia e também se encerra se adotarmos como base as suas ideias e aspirações iniciais.

A presente pesquisa, ainda em estágio inicial, aborda, por conseguinte, um recorte temporal compreendido no século XIX, o século para o qual estão voltados grande parte dos meus interesses na História. Essa pesquisa é, portanto, a união de um século que me cativa com um objeto de pesquisa que me encanta, sendo fácil, por isso, encontrar-me e colocar o meu coração e a minha alma nesse processo.

Visando não só analisar o que foi o Solar, mas também o que ele é ainda hoje, pauto-me em dois conceitos fundamentais que norteiam todo o meu trabalho e me auxiliam a conectar o século XIX ao presente: a noção de Lugar de Memória – desenvolvida pelo historiador francês Pierre Nora – e o conceito de Documento/Monumento, de autoria do historiador francês Jacques Le Goff. Através dessa base teórica, desenvolvo minhas análises de como o Solar Grandjean de Montigny pode ser pensado – e se pode ser pensado –, atualmente, como um Lugar de Memória na PUC-Rio e como Documento/Monumento da época, com o recorte que me proponho a abordar aqui.

Este trabalho foi realizado por mim, Danielle Larrate de Andrade, graduanda em História pela PUC-Rio e bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Memória da PUC-Rio. Atualmente, este é composto por seu diretor, Prof. Marco Antonio Villela Pamplona, pelo fotógrafo Antônio Albuquerque e pelos pesquisadores Clóvis Gorgônio, Eduardo Gonçalves, Margarida de Souza Neves e Silvia Ilg Byington. Além de mim, o Núcleo conta com mais três bolsistas de Iniciação Científica, a saber: Ana Clara de Amorim Inocêncio, Juliana Ramos Capossoli e João Paulo Medeiros da Costa. Por fim, antes de iniciar meu trabalho propriamente dito, informo que ele está dividido, essencialmente, em duas partes principais:

- **Relatório técnico:** onde relatei as minhas atividades individuais e em conjunto com a equipe do Núcleo de janeiro de 2022, data de minha admissão na equipe, até julho de 2022;
- **Relatório substantivo:** onde desenvolvi as minhas ideias e hipóteses, em um texto autoral, acerca do Solar Grandjean de Montigny no século XIX. Em suma, é onde apresento o produto de minhas pesquisas preliminares, que pretendo aprofundar no próximo ano.

2.0- Relatório Técnico

2.1- Atividades em conjunto com a equipe do Núcleo de Memória

Este relatório compreende dois momentos de trabalho muito diferentes entre si e específicos: o primeiro vai do início de janeiro até o início de março, no qual tivemos que manter o formato de trabalho remoto em decorrência da pandemia de COVID-19 e, por esse motivo, realizamos reuniões semanais às segundas-feiras pela plataforma Zoom; e o segundo momento iniciou-se quando a PUC-Rio e o Núcleo de Memória retomaram suas atividades presenciais, a partir de março de 2022, transferindo as reuniões semanais para as terças-feiras e definindo o meu horário de trabalho na sala do Núcleo de Memória para as segundas-feiras, das 9h às 17h.

Em suma, as reuniões semanais em ambos os formatos consistiram em seminários teóricos e metodológicos a partir de textos e filmes relacionados aos temas, conceitos e categorias centrais para as pesquisas conduzidas pela equipe, no planejamento de atividades mensais, na discussão de atuais e futuros projetos do Núcleo de Memória e na orientação das pesquisas individuais para o Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio de 2022.

- **03/01/2022** - Enquanto primeira reunião do ano, ainda em modelo remoto, este encontro foi destinado a apresentações da equipe, ao planejamento das demais reuniões de janeiro e a um primeiro esboço do planejamento anual;

- **10/01/2022** - A Profa. Margarida conduziu um debate sobre a importância da bibliografia em um texto acadêmico. Além de pontuar que ela é uma ferramenta de trabalho tanto do autor como do leitor e que ela deve conter necessariamente apenas o que foi lido e está sendo trabalhado na tese, artigo ou monografia, foi também mencionado pela professora como a bibliografia está

sempre em processo de construção e é uma experiência de memória. Posto isso, sugeriu-se a elaboração de uma bibliografia para o Núcleo de Memória, que contaria com materiais que, em um determinado momento, foram utilizados pelo Núcleo;

- **17/01/2022** - Reunião sobre o projeto Memórias da Pandemia e sobre o andamento do *hotsite* do projeto e suas pendências;

- **24/01/2022** - Os pesquisadores e professores Marco, Margarida, Clóvis, Silvia e Eduardo relataram um pouco de suas trajetórias acadêmicas e focaram principalmente nas experiências que já tiveram como estagiários e como bolsistas de Iniciação Científica;

- **31/01/2022** - Os bolsistas de Iniciação Científica do Núcleo de Memória lembraram suas experiências com o PIBIC e as bolsistas Ana Clara de Amorim e Juliana Capossoli apresentaram as propostas iniciais e possíveis desdobramentos de suas pesquisas para o ano de 2022;

- **07/02/2022** - Primeira sessão do Laboratório de Documentação conduzido pelos pesquisadores Eduardo Gonçalves, Silvia Ilg e Clóvis Gorgônio. Nesse primeiro encontro, os pesquisadores apresentaram como o acervo do Núcleo de Memória foi constituído. Além disso, foi também introduzida a história do Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM), cujos documentos constituirão o estudo de caso concreto da oficina;

- **14/02/2022** - Seminário de discussão do filme “Nostalgia da Luz”, do cineasta Patricio Guzmán. A Profa. Margarida de Souza Neves e o pesquisador Eduardo Gonçalves realizaram uma apresentação inicial acerca da trajetória de vida do cineasta e, logo em seguida, toda a equipe pontuou as suas impressões individuais do filme. A partir disso, o filme foi discutido mais amplamente em determinados tópicos;

- **21/02/2022** - Após os bolsistas apresentarem suas ideias iniciais para o PIBIC, a equipe discutiu as propostas e a Profa. Margarida, em seguida, apresentou o que é um projeto de pesquisa. Para tal, foram mencionadas as dimensões que, independentemente da ordem, devem estar presentes em um projeto de pesquisa: um *lead*, bibliografia, delimitação, objetivos, revisão bibliográfica, quadro teórico-metodológico, hipótese e cronograma;

- **08/03/2022** - Primeira reunião presencial com a equipe do Núcleo de Memória da PUC-Rio. Além de ser uma reunião de boas-vindas ao presencial e estabelecer o cronograma das reuniões de março, a equipe também conversou sobre o próximo seminário de leitura – que ficou agendado para 22 de março - e sobre o projeto Memórias da Pandemia, destinado a guardar os registros da pandemia de COVID-19 dos alunos, funcionários e professores da PUC-Rio. A reunião terminou com uma visita com todos os bolsistas de Iniciação Científica, conduzida pelo pesquisador Eduardo Gonçalves, à sala do Núcleo de Memória;

- **15/03/2022** - Passeio pelo *campus* da PUC-Rio com os pesquisadores Eduardo Gonçalves e Clóvis Gorgônio, que conduziu o passeio. Fomos apresentados a vários espaços da Universidade e conhecemos a história da formação da PUC-Rio e o motivo pelo qual ela está atualmente localizada na Gávea. Durante o passeio, tivemos a oportunidade de entrar no Solar Grandjean de Montigny e conhecer o seu interior e o seu entorno;

- **22/03/2022** - Seminário de discussão do texto “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória”, capítulo do livro “Lembrar escrever esquecer” da filósofa Jean-Marie Gagnebin, conduzido pelas bolsistas Ana Clara Amorim e Juliana Capossoli. A tese central – o rastro é um signo da memória – foi colocada pelas bolsistas e debatida pela equipe, além de outros tópicos como o trauma enquanto uma ferida aberta; a escrita como um suposto rastro privilegiado; e o fato de que quem deixa rastros não tem necessariamente a intenção de deixá-los;

- **29/03/2022** - Discussão em equipe do meu primeiro balanço de atividades realizadas para o PIBIC e também das atividades realizadas pela bolsista Ana Clara Amorim;

- **05/04/2022** - Início da segunda sessão do Laboratório de Documentação. O encontro foi destinado, em suma, à apresentação das análises feitas por cada membro da equipe de um documento pertencente ao acervo do NEM;

- **12/04/2022** - Continuação da segunda sessão do Laboratório de Documentação. A pesquisadora Silvia e os pesquisadores Clóvis e Eduardo desenvolveram a temática de que o documento é, na verdade, uma construção e que qualquer objeto pode ser transformado em documento se a ele for atribuído sentido. Além disso, foi exposto o caminho que é percorrido por um documento antes da sua publicação: a seleção, a catalogação, o cadastro e, enfim, a utilização. Por fim, a Profa. Margarida detalhou e explicou a função dos dois relatórios que integram o PIBIC;
- **19/04/2022** - Terceira sessão do Laboratório de Documentação conduzida pelos pesquisadores Eduardo e Clóvis. Além de abordar o que pode ser considerado um documento e os tipos de documento, os pesquisadores mostraram exemplos físicos presentes na sala do Núcleo de Memória para ilustrar os diversos tipos de documentos;
- **26/04/2022** - Seminário de texto conduzido pelo Prof. Marco Antonio Pamplona. Após contextualizar o autor do texto, a equipe do Núcleo de Memória discutiu a primeira parte – “Reflexões sobre a cientificidade da História” - da obra “Problemas da história e da História: reflexões sobre o passado e a disciplina histórica” de José Carlos Chiaramonte. O principal ponto de debate foi o fato de que Chiaramonte afirma que há uma considerável diferença entre História e Memória, contudo não aprofunda tal distinção. Com isso, ao longo da parte do texto lida e discutida, o autor realiza a transcrição da sua memória como historiador. Isto é, ele não escreve e não conceitua o que é a memória porque ele próprio está escrevendo no livro a sua memória;
- **03/05/2022** - Apresentação e discussão do meu segundo balanço de atividades para o PIBIC e do balanço de atividades da bolsista Ana Clara;
- **10/05/2022** - O bolsista João Paulo Costa apresentou suas ideias iniciais para o PIBIC. Ademais, a coordenadora de pesquisa Silvia Ilg e a bolsista Ana Clara apresentaram para a equipe a proposta de um projeto em meio digital para a participação do Núcleo de Memória no II Seminário de Extensão Universitária da PUC-Rio. Por fim, além de pontuarmos os últimos detalhes para que o *hotsite* e o Instagram do projeto Memórias da Pandemia pudessem começar a circular, foi amplamente debatida a necessidade de uma estratégia de lançamento plural para o site;
- **17/05/2022** - Discussão do filme “Cordilheira dos Sonhos”, terceiro filme da trilogia do cineasta chileno Patricio Guzmán. Através de paralelos entre a história da Ditadura de Pinochet no Chile e eventos históricos ocorridos no Brasil, foi debatido como a experiência do exílio, sofrida por Guzmán, é dura e cria uma fratura que jamais vai cicatrizar porque o indivíduo exilado não é capaz de sentir-se integrante nem do país de onde saiu e nem do país onde busca exílio;
- **24/05/2022** - Discussão do projeto Memórias da Pandemia – em conjunto com a equipe – e apresentação do projeto de extensão Memória Circular, coordenado pela bolsista Ana Clara de Amorim e pela pesquisadora Silvia Ilg;
- **31/05/2022** - Discussão da primeira versão dos meus relatórios do PIBIC;
- **07/06/2022** - Reunião destinada à discussão dos relatórios prévios da bolsista Ana Clara de Amorim. Além disso, a equipe debateu como seria dividida a curadoria do Instagram e do site Memórias da Pandemia;
- **14/06/2022** - Discussão do balanço de atividades do bolsista João Paulo para o PIBIC de 2023. Além disso, o pesquisador Eduardo Gonçalves detalhou as duas possíveis formas de apresentação na Semana de Iniciação Científica da PUC-Rio de 2022. Outrossim, a bolsista Ana Clara e a coordenadora de pesquisa Silvia Ilg realizaram uma avaliação da participação das duas no II Seminário de Extensão Universitária da PUC-Rio;
- **21/06/2022** - A reunião se iniciou com o meu relato sobre os passeios guiados ao Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) e o passeio intitulado “Rolé dos favelados”, componente do Seminário “1822- 2022: a escrita do futuro”, organizado pelas Profas. Maria

Elisa Noronha de Sá e Ivana Stolze Lima (Departamento de História). Além disso, a equipe planejou a melhor forma de divulgação do projeto Memórias da Pandemia para os alunos e para os coletivos e debateu a receptividade do Instagram do projeto. Por fim, o pesquisador Clóvis Gorgônio levantou questões sobre o Anuário de 2021;

-28/06/2022 - Discussão do filme “O botão de Madrepérola”, segundo filme da trilogia de Patricio Guzmán. Foi debatido que Guzmán, em todos os filmes, realiza um diálogo com cientistas de áreas variadas. Ademais, o mar é o elemento principal do filme, sendo concebido como uma espécie de mar-cemitério, onde foram lançados os corpos de indígenas e desaparecidos na época da ditadura chilena. Além disso, eu e a bolsista Ana Clara expusemos as nossas ideias para o Instagram Memórias da Pandemia, ideias que foram posteriormente discutidas pela equipe;

-05/07/2022 - Reunião destinada à análise e à discussão dos resumos para o PIBIC. Além disso, a equipe fez comentários sobre o Instagram, sobre as contribuições do projeto Memórias da Pandemia e sobre a posse do Pe. Anderson Pedroso S.J., o novo reitor da PUC-Rio;

-19/07/2022 - A equipe fez um planejamento inicial sobre os próximos seminários de texto. Além disso, o pesquisador Eduardo Gonçalves comentou sobre o PIBIC e o estágio final dos resumos, que estavam prontos para envio. Foram debatidas questões como a visita do novo reitor ao Núcleo de Memória e também foi feito um balanço sobre as contribuições do site Memórias da Pandemia e sobre o andamento do Instagram. A reunião foi também dedicada à gravação de um vídeo de rotina do Núcleo para o Instagram, que contou com a participação de todos os membros da equipe;

-26/07/2022 - Reunião destinada ao planejamento de trabalhos de campo da equipe do Núcleo de Memória. Além disso, a equipe discutiu sobre possíveis contribuições institucionais para o site Memórias da Pandemia e sobre gravações de vídeos para o Instagram;

- 28/07/2022 – A equipe do Núcleo de Memória realizou uma visita ao Museu do Amanhã para assistir à exposição “Amazônia” do fotógrafo Sebastião Salgado com curadoria de Lélia Wanick Salgado.

2.2- Atividades Individuais

Individualmente, minhas atividades se iniciaram em fevereiro de 2022, quando decidi que meu objeto de pesquisa seria o Solar Grandjean de Montigny. Feito isso, realizei, ainda em trabalho remoto, um levantamento bibliográfico visando iniciar minhas leituras. Nesse período, fiz a leitura de boa parte das minhas principais referências teóricas, como as crônicas produzidas pela equipe do Núcleo de Memória para o Jornal da PUC e dois catálogos de exposições intituladas “Uma Cidade em questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro” e “A Morada Carioca: Grandjean de Montigny e o Solar da Gávea”.

Todavia, minha pesquisa ganhou uma nova forma em março, quando conheci presencialmente a sala do Núcleo de Memória e comecei a levantar os acervos sobre a Gávea, sobre o Solar e sobre Grandjean de Montigny presentes nos arquivos digitais do Núcleo. Com isso, tive acesso a registros de pesquisas realizadas pela Silvia Ilg em anos anteriores no IPHAN, a jornais contemporâneos a Montigny, ao acervo do Solar Grandjean de Montigny e, por fim e talvez o mais significativo, consegui entrar no Solar Grandjean de Montigny para relembrar a configuração, as características e o interior do edifício que materializa meu objeto de pesquisa.

Além disso, realizei também as seguintes atividades:

- Pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, visando ampliar o acervo de periódicos contemporâneos a Grandjean de Montigny que relatam ou mencionam, entre outras coisas, as suas sucessivas tentativas de vender o maior número possível de bilhetes da rifa de sua moradia na Gávea e, por fim, o anúncio de que o dinheiro de todos os compradores seria

restituído; a sua morte, sua missa de sétimo dia e a sua chegada com os demais membros da Missão Artística de 1816;

- Planejamento, criação de conteúdos digitais e administração e curadoria do Instagram Memórias da Pandemia (<https://instagram.com/memoriaspandemiapucurio>) em conjunto com a bolsista Ana Clara de Amorim;



Figura 1- Perfil do Instagram Memórias da Pandemia com algumas artes digitais produzidas.

- Criação de artes digitais, gravação e edição de vídeos para o Instagram;
- Pesquisa na DBD (Divisão de Bibliotecas e Documentação) da PUC-Rio;
- Leitura de fontes teóricas sobre memória e esquecimento;
- Leitura de livros sobre a Gávea no século XIX, como “Gávea: história dos subúrbios” de Cássio Costa e “A Fazenda Nacional da Lagoa Rodrigo de Freitas na formação de Jardim Botânico, Horto, Gávea, Leblon, Ipanema, Lagoa e Fonte da Saudade” de Carlos Eduardo Barata e Claudia Braga Gaspar.

3.0- Relatório Substantivo

MEMÓRIAS DE UMA CASA VELHA: O SOLAR GRANDJEAN DE MONTIGNY, SUA ORIGEM E MEMÓRIA NA UNIVERSIDADE

3.1- Solar Grandjean de Montigny: uma casa velha, bela e lendária

“Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido.”

(Pierre Nora)

Certa vez, o escritor Machado de Assis, após escutar que as casas do Rio eram feias, teria respondido prontamente e com indignação que elas “são feias, mas são velhas!”, sugerindo que

a velhice era capaz até mesmo de modificar a estética de uma construção [1]. O que teria achado Machado de Assis de certa construção que é capaz de mesclar o neoclássico, a arquitetura espontânea e técnicas nativas [2] localizada atualmente na Rua Marquês de São Vicente, número 233, propriedade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro? Essa casa – ou melhor, esse solar – ao mesmo tempo que encanta com a sua aparência física e sua antiguidade também impressiona com a quantidade de lacunas e espaços vazios que a sua história deixa. São inúmeras as lendas acerca do que teria sido esse solar na Gávea em pleno século XIX. Todavia, pode-se afirmar que todas elas são válidas, já que, consoante o abolicionista, político e historiador Joaquim Nabuco, todas as lendas sempre hão de viver e a beleza delas não reside em sua verdade, que sempre é pequena; mas sim no esforço que a humanidade faz para, por meio delas, reter alguns episódios de uma vida tão extensa que não há memória suficiente para abrangê-la [3]. É tomando essa citação como base que pretendo não esclarecer e solucionar as lendas que até os dias atuais permeiam o Solar, mas sim ilustrar determinados episódios de uma vida tão extensa.

Enquanto esta pesquisa estava sendo desenvolvida, tive a oportunidade de presenciar alguns diálogos de alunos da PUC-Rio que me motivaram a relacionar o Solar Grandjean de Montigny com a noção de Lugar de Memória, sugerida por Pierre Nora. Tendo em vista a recorrência de situações e diálogos análogos e a importância que eles tiveram para o meu trabalho, julgo ser necessário aqui retratá-los, de forma sintética, também a fim de afirmar aqui que, embora a construção do Solar tenha sido no século XIX, ele é um local que, por vezes de forma desconhecida, está presente no cotidiano dos alunos, professores e funcionários da PUC-Rio.

Ao longo de 2022, ao mencionar que tinha escolhido como meu objeto de pesquisa o Solar Grandjean de Montigny no século XIX, as reações de alunos da Universidade, não raramente, deixavam transparecer o ponto de interrogação que se formava em suas mentes e em suas faces. Após mencionar que o meu documento principal se constituía em uma casa que se localizava no próprio *campus*, escutava as mais diversas referências ao solar, como a “casa no bosque”, a “casa velha” e o “castelo”. Pois bem, o fato é que, para boa parte da comunidade da PUC-Rio, eu não estudo uma casa neoclássica construída na época imperial, mas sim uma casa velha, rodeada de jardins e com alguma dimensão que, para o imaginário atual, lembra um castelo. Para Pierre Nora, essas associações poderiam ser explicadas com a visão de que nossas sociedades são condenadas ao esquecimento e, principalmente, com a ideia de que a memória, ao contrário da história, é mágica e se alimenta de lembranças vagas, telescópicas e flutuantes, visto que a memória é composta por lembrança e esquecimento [4].

Nora, ao falar do tempo dos lugares, diz que os Lugares de Memórias são, antes de tudo, restos. Estes restos seriam, inicialmente, ignorados pela história e também pela memória, sendo por isso necessário a perpetuação como Lugar de Memória. Essa perpetuação forneceria uma espécie de ilusão da eternidade, ainda segundo Nora, como se a elevação à Lugar de Memória fosse capaz de substituir a memória espontânea. O tombamento do Solar Grandjean de Montigny, sob esse viés, seria a maneira encontrada pela sociedade do século XX para forjar a ilusão de perpetuação para a eternidade. Sem vigilância comemorativa, a história rapidamente o varreria [5]. Contudo, mesmo com vigilância comemorativa, a memória também não o varreu? O esquecimento, no caso do Solar, se sobrepõe à lembrança. O pouco de lembrança que resta, aliás, é distorcido cotidianamente para referências mais lógicas em meio ao século XXI, como “casa velha”.

Em “Entre Memória e História”, Nora salienta os três aspectos que devem necessariamente caracterizar um Lugar de Memória: o sentido material, o simbólico e, por fim, o funcional [6]. Exemplificando tais características, o Lugar de Memória

é material por seu conceito demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas

simbólico por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou. [7]

Enquanto uma casa é certo que o Solar dispõe do aspecto material. Por outro lado, é também simbólico porque permite que, no século XXI, a sociedade consiga observar uma morada do século XIX que era vista e conhecida apenas por Montigny, Debret, Meunié, a esposa de Montigny, os criados, escravizados e os demais indivíduos que foram contemporâneos ao Solar nos tempos de Grandjean. Ainda que o caráter simbólico possa ser problemático à medida que, ao observar o Solar, não se reconhece uma casa do século XIX, mas sim uma “casa no bosque”, o viés simbólico está presente em certa medida. Mas e o caráter funcional? O Solar, apesar de estar presente no *campus*, não está presente no imaginário de muitos dos que circulam por ele. “Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte” [8], o Solar não pode ser considerado plenamente um Lugar de Memória porque não atende a sua razão fundamental de ser. Ele representa por si só uma antítese: o Solar existe, mas não existe. Ao mesmo tempo em que está na PUC-Rio fisicamente, mostra como para conservar a lembrança e interromper o esquecimento não é suficiente apenas tombar o monumento ou elevá-lo à categoria de Lugar de Memória.

3.2- Um mundo novo e permeado por transferências: a chegada de Grandjean de Montigny ao Brasil e a transladação da Família Real lusitana

Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny nasceu no dia 15 de junho de 1776, em Paris, e chegou ao Rio de Janeiro a bordo do veleiro Calphe em 26 de março de 1816 com a Missão Artística Francesa, chefiada pelo ex-secretário do Instituto da França Joachim Le Breton[9]. Com a transferência¹ da Família Real lusitana em 1808 para o Brasil e a sua permanência no Rio de Janeiro, fazia-se necessário, segundo o pensamento cortês, modernizar – isto é, europeizar – a capital desta pretendida civilização tropical. Por esse motivo, algumas medidas foram adotadas, como a implantação de solenidades públicas no calendário anual [10], a criação do Jardim de Aclimação, da Imprensa Régia, do Museu Real e de outras instituições que visavam a transformação da nova capital imperial.

Nesse contexto, chegou ao Rio de Janeiro, em 1816, a Missão Artística Francesa, que trouxe um grupo de artistas com diversas nacionalidades e ofícios, tais como arquitetura, pintura histórica e escultura. A Missão simbolizava, para a época, a representação dos “aspectos ‘louváveis e desejáveis’ dos valores que a civilização francesa representava de positivo” [11], tendo sido organizada para a criação de uma nova estética no Rio. Grandjean de Montigny, por sua vez, era um arquiteto e, à época na corte francesa, ocupava um lugar de destaque. Todavia, com a queda do império napoleônico em 1815, “sua posição como antigo arquiteto da corte o coloca em situação politicamente delicada” [12], levando-o, inclusive, a não conseguir concluir o projeto em andamento da modernização de Cassel, capital do novo reino da Vestfália [13]. Contudo, nesse mesmo contexto de queda de Napoleão, dois convites para trabalhar no exterior são feitos a ele: o primeiro era oriundo do czar Alexandre I, que “lhe propôs que assumisse em São Petersburgo o cargo deixado vago pela morte de Thomas de Thomon” [14] e o segundo, vindo de Le Breton, para desembarcar no Brasil e integrar a missão artística solicitada pelo príncipe regente D. João VI. Tendo Montigny optado por este último convite, aqui aportou com sua mulher, quatro filhas, um criado [15] e dois discípulos, sendo um deles Louis-Symphorien Meunié, que morou com seu mestre durante todo o tempo que esteve no Brasil e deixou registros

¹ O conceito de transferência é de autoria do historiador Kenneth Light, que propõe o termo em contraposição ao de fuga, sugerindo assim que todo o processo foi minuciosamente pensado e não decidido às pressas (Cf.: LIGHT, Kenneth H. **A viagem marítima da Família Real: a transferência da corte portuguesa para o Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.).

da casa que morou com a família de Grandjean no Catumbi, no Catete e, por fim, do solar da Gávea. Sabe-se também que o arquiteto, após a sua chegada, ficou viúvo e se casou com a brasileira Luiza Francisca Ramos Panasco, a quem coube à administração do Solar após a sua morte, em março de 1850, proveniente de complicações de um resfriado adquirido com um banho de água suja que levou, ao circular pelas ruas no carnaval.

Enquanto viveu no Brasil, Montigny realizou trabalhos vinculados ao paisagismo e ao urbanismo, mas também elaborou projetos arquitetônicos, tendo muitas de suas aspirações, inclusive, nunca saído do campo da idealização por falta de verbas, como é o caso do Senado do Império, do Campo da Aclamação e do Palácio Imperial. Outrossim, sua contribuição também foi marcante na construção de cenários para comemorações públicas ao lado de Debret – também integrante da Missão – como a construção, em 1817, do Arco Romano e Triunfo Romano para a chegada de D. Maria Leopoldina; em 1818 do Arco Triunfal, Templo de Minerva e Obelisco para a aclamação de D. João VI como rei do Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves e também para o aniversário de casamento de D. Pedro I, para o qual elaborou um Estádio no Campo de Santana [16], tendo todas estas obras caráter provisório.

O fato é que, tal como ressaltado por Afonso Carlos Marques dos Santos:

A realidade que esses artistas encontrarão no Brasil de D. João fará com que as obras e os seus projetos fiquem como eventos contrastantes com a paisagem aparentemente desordenada do espaço colonial. As fontes iconográficas da época dão o testemunho [...] do contraste entre os eventos arquitetônicos de um Grandjean de Montigny ou de um Debret, principalmente os monumentos efêmeros – construídos para as grandes ocasiões em madeira, como imensos cenários a tentar ocultar a realidade legada pela colônia. [17]

Este trecho exemplifica, em síntese, como a utilização de elementos neoclássicos trazidos pelos artistas franceses se relacionava com o aspecto barroco e colonial do Brasil: eram marcados por serem, efetivamente, elementos destoantes, que contrastavam com o restante da cidade predominantemente senhorial e escravista. Isto porque, ao chegar ao Rio de Janeiro, Grandjean teria encontrado um campo de ação imenso e, de acordo com os seus desenhos, infere-se que, uma vez elaborados, os projetos teriam sido capazes de transformar a fisionomia do Rio [18]. Infelizmente, são poucos os seus projetos que podem ser observados, fisicamente, ainda hoje, visto que foram escassas as suas possibilidades de construção daquilo que estava no papel. Dentre esses que ainda perpetuam, destacam-se a antiga Praça de Comércio, atual Casa França-Brasil, o pórtico da Academia Imperial de Belas Artes – localizado atualmente no Jardim Botânico do Rio de Janeiro – e, claro, a residência que Grandjean construiu para ser a sua moradia no atual bairro da Gávea. Apesar disso, tal como ressaltado por Robert Coustet, engana-se quem acha que sua contribuição para a arquitetura e urbanismo brasileiro foi modesta, visto que não só a sua influência foi significativa como também foi ele o primeiro a conscientizar a capital da importância da realização de um planejamento urbano [19].

Ademais, no que se refere ao caráter de sua atuação fora da esfera pública, tem-se notícia de que, enquanto aguardava a inauguração da Academia Imperial de Belas Artes, onde se tornou o primeiro professor de arquitetura do Brasil, deu aulas particulares e projetou algumas residências privadas, como é o caso da mansão do Comendador Oliveira Barbosa e a do Sr. Dias, localizada no Catumbi [20]. Infelizmente, “sua notável contribuição, não só docente como arquitetônica, embora reconhecida, não está de todo pesquisada, avaliada e divulgada” [21] e são extremamente restritas as fontes de informação sobre Grandjean de Montigny e do seu Solar, tendo-se apenas hipóteses e lendas acerca do século XIX. Afinal, tal como defendido por Joaquim Nabuco, é assim que conseguimos reter episódios de uma vida extensa.

3.3- Um refúgio de frente para a lagoa e para o sol

“E Grandjean assim desafia: concebe e constrói com o peso do mundo e da história seu modesto solar na Gávea e nos comove. Lição de antigos e

modernos, síntese do ontem e do hoje, sua casa [...] percorre toda a história da arte e também toda a arte sem história.”

(Margareth Pereira)

Quando chegou ao Brasil, Grandjean trouxe consigo, para além do criado e de seus familiares, dois discípulos – Levasseur e Meunié –, sendo Meunié essencial para o conhecimento da residência de Grandjean na Gávea. Isto porque ele “registrou com minúcia as atividades realizadas em cada cômodo, localizou móveis e até designou nominalmente os ocupantes de cada aposento. Buscou aproximar os espaços das casas e certos hábitos que era ‘forçado’ a adotar no Brasil” [22]. Seus desenhos são, em sua maioria, datados de 1822, visto que há uma anotação feita por ele nas margens de um dos desenhos, indicando tal ano [23]. Portanto, em 1822 se tem notícia do que era o Solar à época e as configurações que ele assumia. Consoante os mesmos desenhos analisados por Pereira, “a região à época era ainda pouco habitada e a propriedade, situada no então chamado caminho da Tijuca, era cercada por montanhas, riachos e plantações” [24]. Tendo Grandjean escolhido a parte alta para construir o Solar – perto de uma casa já existente – sua morada tropical passou a ser rodeada por plantações como cafezais, mandiocais, plantações de arroz, laranja e de milho, conforme é ilustrado no desenho feito por Meunié [25].

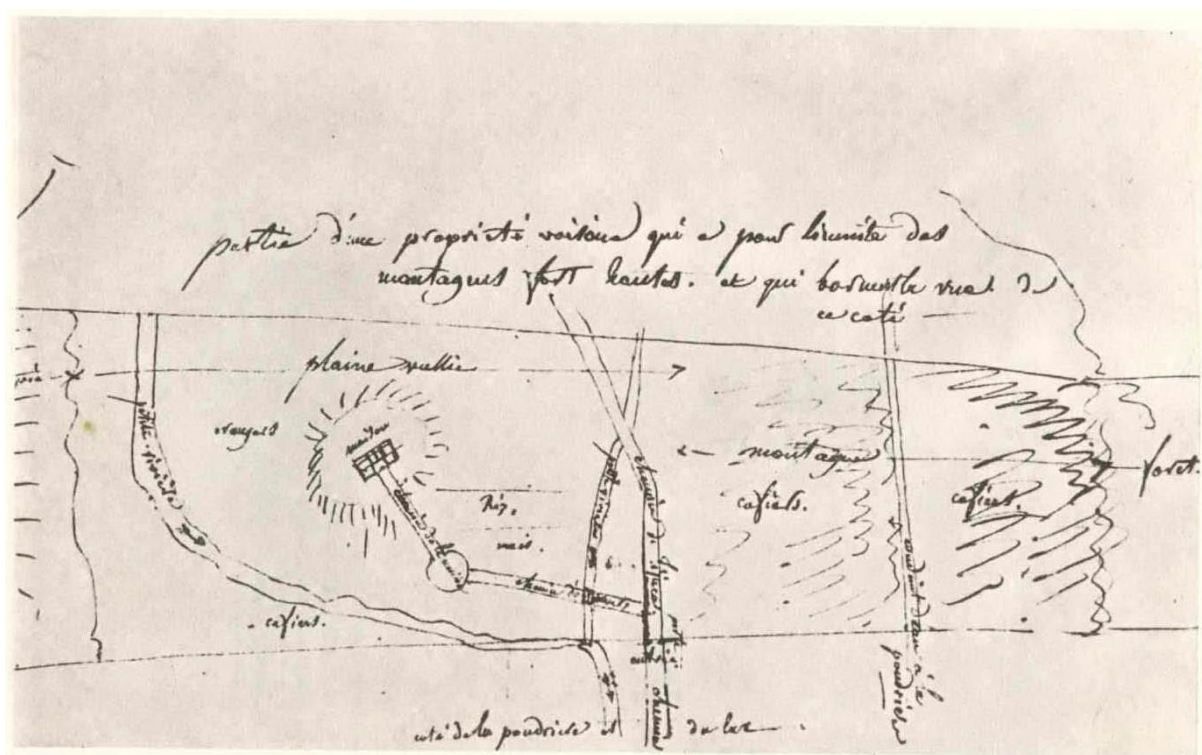


Figura 2- Planta da chácara Grandjean de Montigny desenhada por Meunié. Disponível em: ARESTIZABAL, Irma. **A morada carioca: Grandjean de Montigny e o Solar da Gávea.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1992.

Para além da propriedade ser cercada por plantas tropicais, uma outra característica marcava profundamente a localização e a paisagem do Solar: a vista privilegiada para a Lagoa Rodrigo de Freitas. Essa visão, que claramente não é mais possível em decorrência dos aterramentos sofridos pela Lagoa e pelos prédios altos que encobrem a visão, é comprovada através dos desenhos de Meunié, que mostram a disposição das varandas da casa e a disposição de dois móveis tipo marquesa, colocados lado a lado, como uma espécie de convite à contemplação das águas tranquilas da lagoa [26]. Montigny, portanto, ao construir o seu refúgio em uma freguesia rural, realizou a (re)construção não apenas de frente para o sol, mas também de frente para a lagoa e, mais ao longe, para o mar. Aqui usa-se preferencialmente o termo (re)construção porque o mais provável é que Grandjean não tenha construído sua morada

inteiramente, mas sim a tenha reconstruído a partir de uma casa já existente no local. Consoante Gonçalves e Figueiredo, o atual Solar foi construído na década de 1820 por Montigny sobre as ruínas de pedra da antiga moradia do bandeirante André de Leão. Nos terrenos que cercavam a residência, além disso, teria sido erguida uma olaria que utilizava mão de obra escrava [27].

Mesmo reconstruindo a antiga propriedade, Grandjean foi capaz de incorporar a arquitetura neoclássica misturada com técnicas nativas e adaptações tropicais, além da forte influência francesa, tendo por isso perpassado “toda a história da arte e também toda a arte sem história” [28]. Como primeira inspiração, Montigny foi influenciado pela *bagatelle* do conde d’ Artois, “irmão playboy (sic) e perdulário de Luís XVI” [29], construída pelo arquiteto Bellanger. Esta, em sua planta original, contava com um salão circular do lado do jardim posterior, dois *bourdoirs* ou saletas, uma de cada lado do mesmo salão e o vestíbulo com a escada ao fundo, flanqueada por dois salões maiores, a sala de jantar e o salão de bilhar no andar térreo [30]. A morada de Grandjean, no andar térreo, também contava com um salão circular, que tinha a função de sala de jantar, e duas saletas – uma à direita e outra à esquerda – que, até 1822, eram utilizados como locais onde a família Montigny fabricava vinho de laranja e possuía a carpintaria [31]. Todavia, após o término da obra, tais cômodos “deveriam ter usos bem menos prosaicos e absolutamente consagrados pela tradição francesa nesse tipo de planta concentrada: seriam destinados aos escritórios (*cabinet* ou *boudoir*) de Grandjean e de sua mulher” [32]. Uma hipótese possível é a de que Grandjean tenha feito da sala de estar o salão principal do seu solar, sendo, portanto, o primeiro cômodo visível do andar térreo, o que daria acesso à propriedade e também à sala que proporcionaria a visão para a lagoa.

Outra fonte de inspiração para a sua casa na Gávea foi o *casino* ou *bagatelle* projetado por Montigny para Jerônimo Bonaparte, “cuja planta reproduz, com a maior fidelidade, a divisão da planta térrea da Bagatelle do conde d’ Artois” [33]. Com isso, ao chegar no Brasil e iniciar a (re)construção de sua nova propriedade, Grandjean de Montigny inspira-se em seu risco da Vestfália, tão fielmente imitado da Bagatelle, e procedeu de modo a adaptar essa planta, permeada pelas tradições e costumes de seu país de origem, às construções, tradições e técnicas e clima do Brasil e também ao espaço da chácara adquirida por ele [34].

O Solar foi redividido por Montigny de modo a se constituir em três andares: o porão, o andar térreo e o primeiro andar. Além da divisão física dos três andares, havia também uma divisão funcional: o andar térreo era voltado para a vida social, o porão era reservado às tarefas domésticas e demais serviços gerais e o primeiro andar era um espaço privativo da família [35]. Possivelmente, esse porão abrigava a cozinha, um quarto de passar, fornos e depósitos [36] e até 1822, enquanto a senzala ainda estava sendo construída, os escravizados dormiam e cozinhavam no porão², do mesmo modo que os bois e os demais animais também eram guardados nesse pavimento [37]. Em 1822, apenas a construção do primeiro andar estava concluída interior e exteriormente [38].

Ainda acerca das adaptações feitas no Solar, segundo Torres a modificação “mais feliz, funcional e esteticamente a mais *regionalista* é, sem dúvida, a criação dos avarandados” [39]. Para ele, Montigny deve ter conhecido engenhos da região fluminense do tipo de entrada por um avarandado e por uma grande sala [40], configurações visíveis no Solar. Com isso, nota-se que:

A casa de Grandjean é, portanto, no seu conjunto, uma adaptação, orgânica e formal, de tradições (a planta) e modismos neoclássicos franceses (as colunas) ao novo meio ambiente, conseguida por meio da adoção de costumes (entrada principal e sala mais importante do mesmo lado da “frente”) e de elementos locais (os avarandados). [41]

² Posteriormente, é provável que os escravizados ficassem em uma propriedade à parte, em uma senzala com capacidade para 20 escravizados, conforme é notificado no anúncio de venda da propriedade (Cf. Seção de vendas do Jornal do Comércio do dia 26/09/1828, p. 3).

Se por um lado é certo que o Solar possuiu influências francesas, é totalmente incerto o ano de finalização da construção, sendo atribuído entre 1826 e 1828, haja vista que em 1828 Montigny tentou se desfazer de sua propriedade através de uma rifa. Tal episódio ocorreu sob um contexto de crise econômica do arquiteto, ilustrado por Torres na presença da escada caracol que conecta o térreo ao primeiro andar. Sendo a escada caracol uma solução de início provisória até o término das obras, é levantada por Torres a hipótese de que a escada tenha perpetuado em decorrência das dificuldades financeiras enfrentadas por Grandjean [42]. Sua situação financeira instável, portanto, fez com que Montigny tentasse colocar fim ao seu sonho de uma morada tropical através de uma rifa que, inquestionavelmente, foi malsucedida. Adotando como princípio a citação de que “a leitura de jornais e revistas de uma época transforma fatos passados em algo muito próximo, fazendo reviver seus personagens e incidentes” [43], a tentativa de encerramento desse sonho nos trópicos será agora contada a partir de jornais contemporâneos ao evento.

Em 1 de fevereiro de 1828, o Jornal do Comércio anunciava a rifa “de Mr. Grandjean de uma grande chácara, e boa casa de vivenda situada na lagoa de Rodrigo de Freitas” [44]. A esse anúncio, que não é certo que seja o primeiro, observou-se uma sucessão de anúncios semelhantes no Jornal do Comércio, tendo sido por mim localizados os anúncios dos dias 7, 16 e 20 de fevereiro até 23 de novembro.

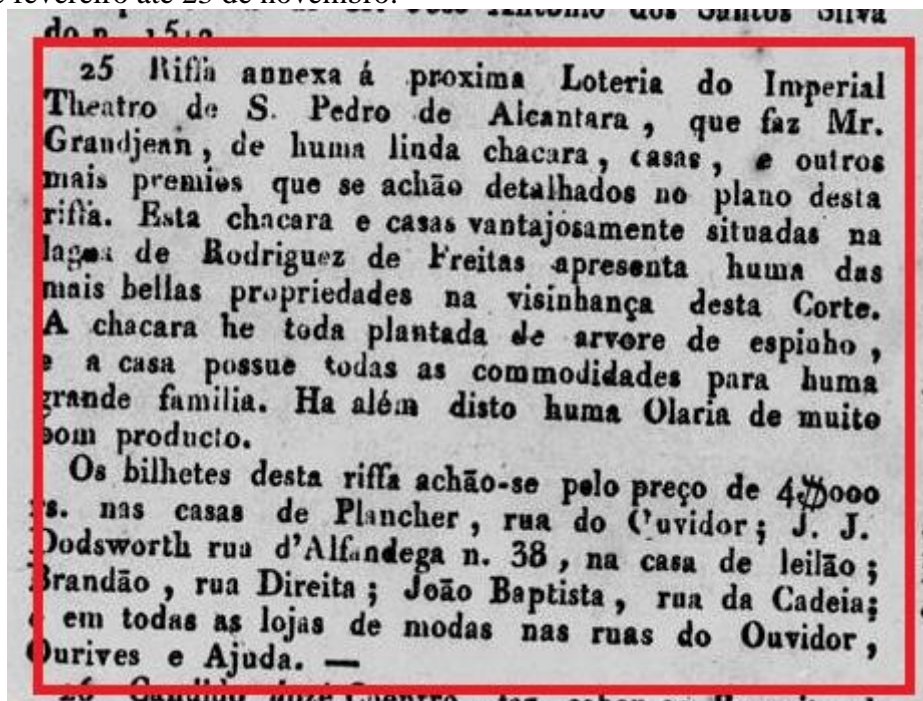


Figura 3- Anúncio da rifa no Jornal do Comércio em 23 de novembro de 1827.

Para além do anúncio da rifa da propriedade, posteriormente os dizeres traziam uma informação que depois se tornou essencial: se o número de bilhetes vendidos não fosse suficiente para que Grandjean deixasse a sua residência, ele faria a restituição integral do valor do bilhete da rifa aos compradores. Uma vez que postergou e adiou o sorteio da rifa enquanto foi possível na expectativa de vender novos bilhetes, Grandjean retorna ao Jornal do Comércio, em 24 de março de 1828, com uma novidade: ele estaria pronto para reembolsar o valor dos bilhetes já vendidos e solicitava aos compradores que se dirigissem ao Theatro de S. Pedro d' Alcantara para a restituição [45]. O insucesso da rifa fez com que Grandjean abandonasse a ideia de vender a sua propriedade, tendo permanecido nela até 1850, ano de sua morte.

Contextualizando a época que Grandjean e o Solar estavam inseridos entre 1822 – quando os desenhos de Meunié fornecem notícias sobre a construção da propriedade – e 1828, quando tentou se desfazer de sua morada, um fator é digno de observação: até o século XIX, a

escravidão era o sustentáculo da economia imperial e era o motor que viabilizava a existência das relações de poder através do estabelecimento de uma classe bem demarcada e superior economicamente: os brancos senhores de escravos. Diante dessa situação que estava plenamente em voga entre 1822 e 1828, entra-se em uma contradição: como é possível modernizar a capital do reino português através da incorporação do estilo neoclássico e de medidas sanitárias e artísticas se o império continuava sendo resumido pela relação entre senhores e escravizados? Tudo isso transformou esse processo de europeização em uma forma de tentar esconder um legado colonial que ainda estava em funcionamento. Tal como algumas construções de Grandjean feitas de papelão e que tinham o caráter provisório, a incorporação do estilo neoclássico não só no Solar como também na nova capital visavam, em síntese, esconder a desumana e atrasada realidade que vivia o império.

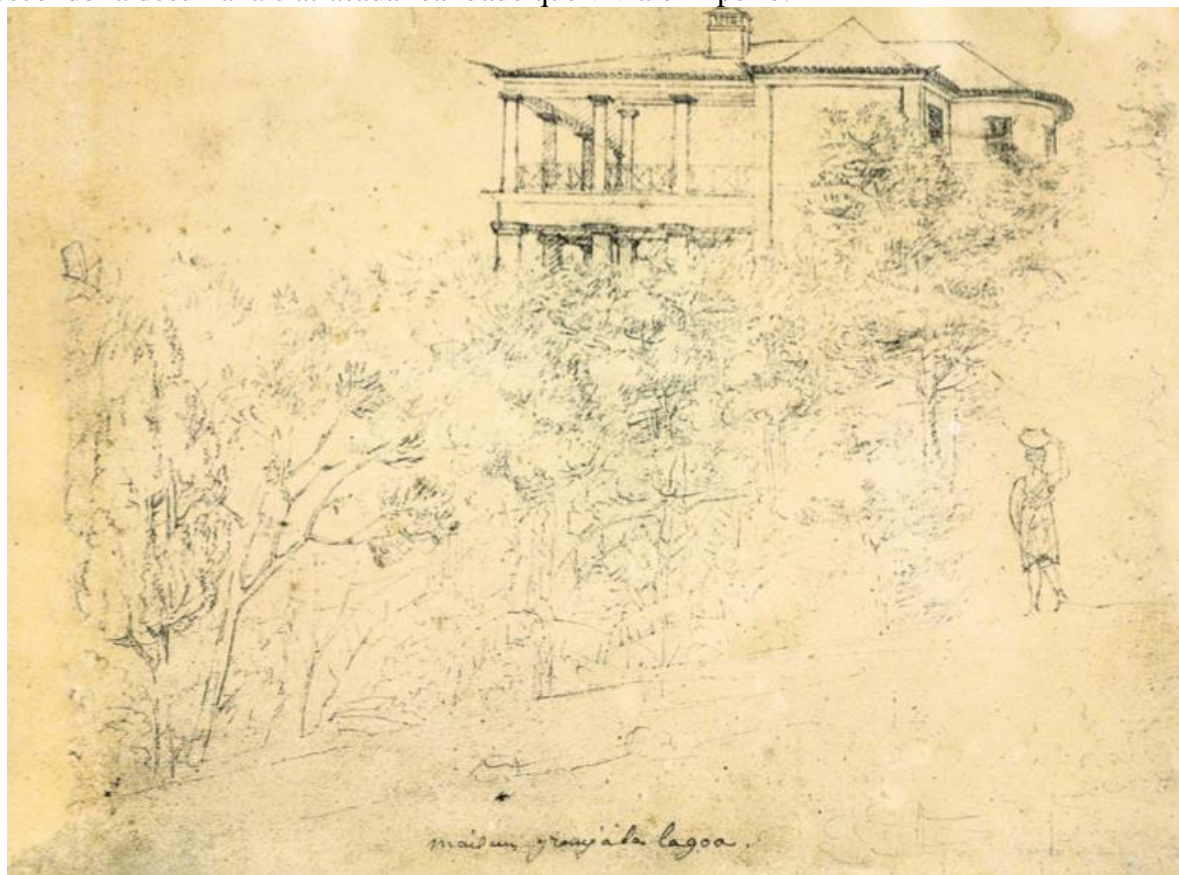


Figura 4- “Maison Grandjean à la Lagoa”. Esboço de Jean Baptiste Debret. s.d. Acervo do Museu da Chácara do Céu – Museus Castro Maya.

Trazendo tal afirmação especificamente para o Solar à época de sua construção, um esboço emblemático e que ilustra a disputa entre o neoclássico e o barroco, escravista e senhorial é *Maison Grandjean à la Lagoa*. Sabe-se que a personagem do desenho é uma escravizada - haja vista a ausência de sapatos, os traços fisionômicos, as vestimentas e a presença do recipiente que está sendo carregado na cabeça – que na figura está transitando pelos jardins do Solar neoclássico e de inspiração francesa de Grandjean de Montigny. Ao parar exatamente ao lado da construção, é notória a presença de uma tensão entre o antigo e o moderno. Em outras palavras, a ilustração mostra bem como o esforço de modernizar a capital é vão: o império ainda estava fortemente enraizado na escravidão.



Figura 5- [O Filho do Artista Tomando Banho na Varanda da Residência de seu Avô, Grandjean de Montigny]. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022.

A mesma tensão existente na ilustração de Debret pode também ser observada, anos depois, na ilustração de Arnaud Julien Pallière, em 1830, que mostra o seu filho tomando banho na varanda do Solar de Montigny, avô do filho de Pallière. O centro da imagem é a pequena criança branca que está no colo da mãe – também branca – enquanto três escravizados servem essa pequena criança de joelhos no momento do banho. Mais uma vez, o neoclássico presente no Solar tenta ocultar a realidade vivenciada no império brasileiro no século XIX.

3.4- Considerações acerca de um passado presente: o Solar Grandjean de Montigny como Documento/Monumento do século XIX

“Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história.”

(Fustel de Coulanges)

O historiador francês Jacques Le Goff, no capítulo “Documento/Monumento”, presente na obra *História e Memória*, realiza uma conceituação dos termos documento e monumento, visando assim diferenciá-los, haja vista que os termos tradicionalmente se confundem quando aplicados na prática. Para chegar a esse objetivo, Le Goff inicia seu capítulo contextualizando o que é considerado o objeto de estudo do historiador: o passado. Sobre isso, sabe-se que, nos

dias atuais, boa parte dos objetos, documentos escritos e relatos dos séculos anteriores não existem mais, visto que não há – e nem seria possível – a preservação integral da memória materializada do passado. Mas qual o critério utilizado pelo presente para preservar o passado? Quem descarta e conserva a história material? O que sobrevive ao tempo presente? Sob essa ótica, o historiador francês Jacques Le Goff em seu texto “Documento/Monumento” [46], responde essas indagações com a afirmação de que “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”. Tomando como base o fato de que os historiadores e outros agentes se constituem como uma força capaz de selecionar a materialidade do passado, cabe agora analisar efetivamente de que modo o Solar pode ser pensado, em minha pesquisa, simultaneamente como um documento e um monumento.

Consoante Le Goff, o passado deixa, por si só, fontes históricas, que são os “materiais da memória” de um tempo que já não é mais presente. Tais materiais, todavia, “podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador”. Essa citação, embora demonstre que para o historiador em questão não há uma concepção de que os dois termos são sinônimos, também é certo que a proposta de categorizar a herança do passado como documento e como monumento não exclui a comum possibilidade de que uma fonte histórica pode, de forma síncrona, ser classificada como um documento e um monumento. O Solar Grandjean de Montigny é uma dessas fontes. Classificando-se não só como monumento de uma época para os historiadores e para os demais indivíduos do presente século, mas também como um documento, à medida que, tendo-se outros solares contemporâneos ao da Gávea e outros elementos arquitetônicos capazes de elucidar a importação do estilo neoclássico pela Missão Artística de 1816, escolhe-se pensar o Solar Grandjean de Montigny como o documento do século XIX, desmistificando-se assim a ideia corrente de que o um documento é sinônimo de um papel. Ou, nas palavras de Le Goff, “em princípio o documento era sobretudo um texto”.

Dando um enfoque maior no caráter monumental do Solar, sabe-se que “o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado” ou perpetuar uma recordação. Desse modo, é certo que uma casa com uma arquitetura que remete ao império em um *campus* repleto de prédios e marcas arquitetônicas de diferentes períodos soa como contrastante e, quando não é esquecido, chama a atenção de discentes, docentes e funcionários por se tratar de uma pequena expressão do século XIX presente na atualidade. O Solar, enquanto monumento, “tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva)”. No *campus* da PUC-Rio, todavia, essa perpetuação é de caráter legal e voluntário, haja vista o processo de tombamento do Solar feito em 10 de agosto de 1938 pelo SPHAN – Serviço Histórico do Patrimônio Artístico Nacional, atualmente Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN – sob o número de inscrição 205 no Livro do Tombo Belas Artes. Esse processo assegurou não só a preservação da morada de Montigny, ainda que o monumento tombado tenha sofrido intervenções, como também a necessidade de, a partir da década de 1950, se moldar o projeto e a construção do *campus* universitário e apropriar seus espaços e edificações em função do Solar [47]. Isso devido à necessidade de não destoar completamente de sua estética e do que essa casa representou no XIX e o que ela representa, atualmente, no complexo de construções em que ela se constitui como membro integrante. O fato é que, dada às implicações legais que são adquiridas com um tombamento, pode-se dizer que a PUC- Rio não possui o Solar em seu *campus*. Do contrário, é o Solar Grandjean Montigny que abriga a PUC-Rio no espaço que, no século XIX, constituía a chácara do Solar. É esse mesmo tombamento que assegura que as instâncias da Universidade não façam o uso inadequado desse espaço e não retirem a essência da arquitetura neoclássica importada por Montigny e mesclada com o tropicalismo senhorial e

barroco do Brasil. Isso poderia ser feito através, por exemplo, da reforma estética do Solar, tendo sido executadas algumas reformas após o tombamento para que o Solar voltasse às suas configurações e aparência da época de Montigny. Com isso, garante-se que o Solar Grandjean de Montigny, que é visto atualmente na PUC-Rio, tenha a aparência mais próxima possível daquilo que ele era no século XIX, sendo, inclusive, a escadaria que dá acesso ao sobrado original, conforme pode ser visto nas imagens abaixo e que atualmente é o símbolo do Solar Grandjean de Montigny enquanto museu universitário.



Figura 6- O Solar Grandjean de Montigny. 2022. Acervo pessoal.



Figura 7- Escadaria do Solar Grandjean de Montigny. 2022. Acervo pessoal.

Sob esse viés, sabe-se que, uma vez que o Solar Grandjean Montigny não é o mesmo vendido por sua esposa em 1856 para Antonio Francisco Faria [48], é importante considerar também em que medida ele pode ter sido “o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio” [49]. Acerca dessa manipulação sabe-se que o Solar sofreu reformas no decorrer dos anos à revelia dos seus antigos proprietários. Por isso, reitero que a configuração da casa hoje é a mais próxima do original, contudo não é puramente original do século XIX, uma vez que, ainda hoje, não há registros da planta original da morada tropical.

No que tange, por outro lado, o Solar como documento, é conveniente ressaltar que, ainda segundo Le Goff, um “documento não é inócuo” [50] e, portanto, não é estático. Não apenas o Solar foi alterado significativamente no âmbito físico como também no seu significado. Isto é, foi construído para ser moradia e assim permaneceu durante anos, até que ocorreu o tombamento. Em seguida, foi residência familiar, depois passou a fazer parte do *campus* da PUC-Rio e desde então já serviu como um espaço para a instalação da Reitoria da Universidade e do Diretório Central dos Estudantes (DCE), até que, em 1980, tornou-se o Centro Cultural da Universidade e, em 2011, o Museu Universitário. Até 2020, abrigou o Projeto Portinari em seu subsolo. Com isso, percebe-se que, evidentemente, não houve uma rigidez nos significados conferidos a uma casa assobrada do século XIX. É certo, por conseguinte, que esse elemento do passado, embora presente, sofreu com processos de restauração e, principalmente, de ressignificação. Em outras palavras, é um documento e, como tal, atualmente representa o produto de escolhas, opções e relações de poder. Enquanto herança do passado, o Solar foi fruto de uma opção decorrente de uma relação de poder, tendo em vista que o SPHAN optou pelo tombamento da casa de Grandjean. Sendo assim, pode-se questionar o seguinte: como o Solar Grandjean de Montigny passou a não ser apenas um documento, mas também um monumento? A indagação pode começar a ser respondida por Zumthor, mencionado por Le Goff, que afirma aquilo que é capaz de transformar um documento em monumento: a sua utilização pelo poder [51]. Desse modo, infere-se que, através do

tombamento do Solar, surgiu uma nova perspectiva para a morada enquanto legado do passado: para além de documento, a partir de 1938, ele passou a se constituir como um monumento.

Todavia, se o tombamento é essencial para a preservação material, é certo que sua atuação se restringe ao âmbito físico. Isto é, o tombamento não implica e não atua na preservação da lembrança da construção física na memória da sociedade. Em outras palavras, embora o Solar não possa ser demolido e alterado, está encoberto pelas folhagens do *campus* não só fisicamente, mas também na memória dos alunos, professores e funcionários da PUC-Rio.



Figura 8- Fachada do Solar Grandjean de Montigny coberta por folhagens. 2022. Acervo pessoal.



Figura 9- O Solar escondido pelos bosques da PUC-Rio. 2022. Acervo pessoal.

Ao mencionar a existência de uma construção do século XIX no *campus*, além de ser comum o espanto por parte da comunidade da PUC-Rio, que não raramente desconhece o fato,

para que os indivíduos reconheçam que já viram ou já passaram pelo Solar é necessário realizar uma mudança de linguagem, que efetivamente acaba por alterar também o seu valor. Mais conhecido como “casa velha”, “casa no bosque” e “castelo”, o Jornal Correio da Manhã, em matéria de 24 de junho de 1971 [52], menciona que para os alunos da Universidade a casa de Grandjean é um “castelinho”, um local bem calmo e romântico em meios aos jardins da PUC-Rio. O mesmo jornal diz ainda uma visão que poderia ser plenamente incorporada ao imaginário dos alunos sobre o Solar: a de que a morada parece uma casa de filme da década de 1940 no estilo de “E o vento levou”. Não seria novidade alguma e nem exagero constatar que, para muitos, o vento realmente teria levado o Solar até o *campus* da PUC- Rio. Se o fantasma de Grandjean é visto na varanda olhando intrigado os prédios da Universidade [53] não se tem certeza, mas é fato que os que percorrem a Universidade ficam e olham intrigados para a construção de Grandjean.

3.5- Conclusão

Pierre Nora, em sua obra “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, inicia uma metáfora com as conchas do mar e a memória viva. Aprofundando-a, eu diria que a memória do Solar Grandjean de Montigny é como uma concha do mar. Ele foi trazido por uma onda – pelo arquiteto Montigny – e se estabeleceu primeiro na chácara comprada por Grandjean e agora no *campus*, mas, após isso, uma onda levou metade da concha novamente para o fundo do mar, deixando na areia apenas uma metade: o esquecimento. A lembrança se foi e, até o momento, parece estar realmente depositada no fundo do mar, de modo que é necessário realizar um constante trabalho de memória na comunidade da PUC-Rio para de lá retirá-la.

Desse modo, a forma de recuperar a outra metade da concha que está no fundo do mar é através de mergulhos. É evidente que aqui não se trata de mergulhos literais, mas de mergulhos metafóricos no passado do Solar, sempre trazendo-o para a atualidade. Aliás, não basta apenas mergulhar como fiz aqui. É preciso convidar outros indivíduos para fazerem o mesmo. Por se tratar do meu primeiro trabalho, digo que ainda não consegui alcançar a concha levada para o mar. Também não sei se alcançarei, haja vista que me encontro no século XXI tentando reconstruir histórias e memórias do século XIX. Em decorrência do tempo que me separa da construção do Solar, talvez essa concha já tenha sido incorporada a um coral. Ou esteja coberta de lodo. Ou tenha sido levada para outro lugar por um crustáceo ou pela própria movimentação das águas e da areia. Todavia, consoante Marc Bloch, não há nenhuma garantia de que eu seria mais bem aquinhoadada nessa empreitada se fosse contemporânea a Grandjean. Contudo, pretendo continuar dando mergulhos mais profundos em meu próximo trabalho, principalmente visando esclarecer e aprofundar:

- 01- Em que medida o Solar Grandjean de Montigny pode ser pensado como um Lugar de Memória e um Lugar de História, ainda embasando-me na obra de Pierre Nora;
- 02- Quais as outras visões que a comunidade da PUC-Rio possui do Solar;
- 03- O que os docentes, discentes e funcionários que conhecem o Solar sabem de seu passado;
- 04- O significado e a importância do esquecimento na história do Solar.

4.0- Referências bibliográficas

[1] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. As velhas e belas casas do Rio: o Solar Grandjean de Montigny, na Gávea, e sua incorporação ao patrimônio artístico nacional. Rio de Janeiro: IPHAN, [19--].

- [2] ARESTIZABAL, Irma. O Solar Grandjean de Montigny na Gávea: intenções de uma exposição. *In: ARESTIZABAL, Irma. A morada carioca: Grandjean de Montigny e o Solar da Gávea.* Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1992. p. 9.
- [3] NABUCO, Joaquim. A Abolição. *In: NABUCO, Joaquim. Minha Formação.* Brasília: Senado Federal, 1998. p. 193.
- [4] NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, nº. 10, São Paulo, PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História, p. 7-26, dez. 1993. p. 9.
- [5] *Ibid.*, p. 13.
- [6] *Ibid.*, p. 21.
- [7] *Ibid.*, p. 22.
- [8] *Ibid.*
- [9] ARAUJO, Camila de. O legado da Missão Artística Francesa, que desembarcou no Brasil há dois séculos. **COMUNICAR.** Rio de Janeiro, 16 mai. 2016. Disponível em: <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4537&sid=24>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- [10] MEIRELLES, J. G. A chegada da Família Real e a as mudanças sociopolíticas. *In: MEIRELLES, J.G. A família real no Brasil: política e cotidiano (1808-1821)* [online]. São Bernardo do Campo: Editora UFABC, 2015. p. 13.
- [11] *Ibid.*, p. 24.
- [12] ANDRADE, M. A. P. de. Grandjean de Montigny: um utópico no trópico. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 2, p. 181–188, 2006. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3692>. Acesso em: 20 jun. 2022. p.184.
- [13] COUSTET, R. A Missão Francesa do Brasil. **Revista de História da Arte e da Cultura**, Campinas, SP, n. 4, p. 75–84, 2022. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15715>. Acesso em: 19 jul. 2022. p.78.
- [14] *Ibid.*
- [15] GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 06 abr. 1816 apud WORCMAN, Susane. Grandjean de Montigny, a Missão Francesa e o Rio de Janeiro pela imprensa. *In: DEL BRENNA, Giovanna Rosso. Uma cidade em questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: PUC-Rio; FUNARTE; Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 42.
- [16] ANDRADE, M. A. P. de, op. cit., p.184.
- [17] SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Da colonização à Europa possível, as dimensões da contradição. *In: DEL BRENNA, Giovanna Rosso. Uma cidade em questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: PUC-Rio/FUNARTE/Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 40.
- [18] COUSTET, R. Grandjean de Montigny, urbanista. *In: DEL BRENNA, Giovanna Rosso. Uma cidade em questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: PUC-Rio; FUNARTE; Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 74.
- [19] *Ibid.*, p. 78.
- [20] ANDRADE, M. A. P. de, op. cit., p.185.
- [21] JÚNIOR, Donato Mello. Fontes documentais para pesquisas sobre o arquiteto Grandjean de Montigny. *In: DEL BRENNA, Giovanna Rosso. Uma cidade em questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: PUC-Rio; FUNARTE; Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 116.
- [22] PEREIRA, Margareth. O Solar Grandjean de Montigny na Gávea nos desenhos de Louis Synphorien Meunié. *In: ARESTIZABAL, Irma. A morada carioca: Grandjean de Montigny e o Solar da Gávea.* Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1992. p. 17.

- [23] Ibid., p. 18.
- [24] Ibid.
- [25] Ibid.
- [26] Ibid.
- [27] GONÇALVES, Eduardo; FIGUEIREDO, Gabriella. A Gávea nos tempos do trabalho escravo. **JORNAL DA PUC**, Rio de Janeiro, 28 abr. 2007. Disponível em: <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=136&infoid=5192&sid=27>. Acesso em: 31 Ago. 2022.
- [28] PEREIRA, Margareth, op. cit., p. 22.
- [29] TORRES, Mário H. G. A casa de Grandjean de Montigny na Gávea. In: DEL BRENNNA, Giovanna Rosso. **Uma cidade em questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; FUNARTE; Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 83.
- [30] Ibid.
- [31] PEREIRA, Margareth, op. cit., p. 20.
- [32] Ibid.
- [33] TORRES, Mário H. G, op. cit., p. 85.
- [34] Ibid.
- [35] PEREIRA, Margareth, op. cit., p. 20.
- [36] Ibid.
- [37] Ibid., p. 21.
- [38] Ibid.
- [39] TORRES, Mário H. G, op. cit., p. 86.
- [40] Ibid., p. 86-87.
- [41] Ibid., p. 88.
- [42] Ibid., p. 86.
- [43] WORCMAN, Susane. Grandjean de Montigny, a Missão Francesa e o Rio de Janeiro pela imprensa. In: DEL BRENNNA, Giovanna Rosso. **Uma cidade em questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; FUNARTE; Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 42.
- [44] Ibid., p. 50.
- [45] Ibid., p. 53.
- [46] LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p.535-539.
- [47] BARBOSA, Mariana Gomes. Integração e conflito em um patrimônio histórico: o Solar Grandjean de Montigny e suas relações de poder no período de 1951-1963. In: **SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA PUC-RIO**, 2019. Rio de Janeiro. Anais do XXVII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2019. p. 1-15. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2019/download/relatorios/CCS/HIS/HIS-Mariana%20Gomes%20Barbosa.pdf. Acesso em: 31 Ago. 2022.
- [48] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Casa à Rua Marquês de São Vicente, 233 (De Grandjean de Montigny). Rio de Janeiro: IPHAN, [19--]. p.22.
- [49] LE GOFF, Jacques, op. cit., p.547.
- [50] Ibid.
- [51] Ibid., p.545.
- [52] CORREIO DA MANHÃ. A Casa do Grandjean. Rio de Janeiro, 24 de jun. 1971. p. 4.
- [53] Ibid.